



22 A 26
DE OUTUBRO
DE 2024
FLORIANÓPOLIS - SC



Trabalhos Científicos

Título: Perfil Epidemiológico De Crianças Até 2 Anos Vivendo Com Aids No Norte Do Brasil.

Autores: TIAGO JORDÃO NUNES SILVA (UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ), ANDRINA PEREIRA DE ARAÚJO (UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ), LIVIA RAIARA RAMOS RIBEIRO (UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ), LUCAS ELIEZER MARQUES FARIAS (UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ), THALLITA DA CUNHA BARBOSA (UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ), PEDRO HENRIQUE MAIA CAVALCANTI LEÃO (UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ), ÁGUIDA PERDIGÃO GOMES (PROGRAMA DE RESIDÊNCIA MÉDICA EM PEDIATRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ), MARIBEL NAZARÉ DOS SANTOS SMITH (UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ)

Resumo: A transmissão vertical e a subsequente infecção pelo HIV têm um impacto significativo na vida da criança em diversos aspectos. Crianças infectadas pelo HIV podem enfrentar um declínio na saúde e alterações no convívio social e familiar. Descrever o panorama epidemiológico das crianças infectadas com HIV até 2 anos de idade na região Norte do Brasil, com o intuito de identificar os principais pontos de vulnerabilidade. Trata-se de um estudo transversal, retrospectivo e quantitativo de acordo com dados oferecidos pelo Sistema de Informação de Agravos de Notificação – Sinan, no DATASUS, referentes aos casos de Aids em crianças até 2 anos, no período de 2019 a 2023, na região Norte, levando em consideração raça, sexo e distribuição por Estados da região Norte. Os dados encontrados sobre os casos de Aids em crianças de até 2 anos na região Norte nos últimos cinco anos revelam uma prevalência significativa no estado do Pará, com 59 casos, representando 46,83% do total. Em seguida, o Amazonas aparece com 36 casos (28,57%), seguido pelo Amapá com 12 casos (9,52%). Os estados de Rondônia, Roraima, Acre e Tocantins apresentam números menores, com 10, 4, 3 e 2 casos, respectivamente. A faixa etária mais afetada é a de menores de 1 ano, com 71 casos, seguida pela faixa etária de 2 anos (29 casos) e a faixa de 1 ano (26 casos). A distribuição entre os sexos é quase igual, com 62 casos em meninos e 63 em meninas, além de um caso não especificado. Quanto à raça, a maioria dos casos não teve essa informação registrada (70,63%), enquanto 19,04% das crianças foram classificadas como pardas, 5,55% como brancas, 3,17% como indígenas e 0,79% como pretas. A análise dos dados revela um quadro preocupante, especialmente no estado do Pará, que sozinho respondeu por quase metade dos casos registrados. A maior parte das infecções ocorreu em crianças com menos de um ano de idade, sugerindo a transmissão vertical, de mãe para filho, como um fator significativo. Houve pouca diferença entre os sexos, e muitos registros sobre a raça foram ignorados, dificultando a formulação de políticas públicas específicas. Além disso, o estigma associado à Aids, especialmente em relação à transmissão de mãe para filho, pode agravar a situação, destacando a necessidade de estratégias que incluam prevenção, melhor coleta de dados e redução do estigma.